



Santa Cecilia

(Quadro de Raphael--Bolonha)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) .	1\$200
» » (3 mezes) .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Artigos Photographicos

As maiores novidades
em chapas, appparelhos,
produçtos, cartonagens
e papeis.

Fornecedores dos principaes
estabelecimentos scientificos.

Photograpiha artistica
Photo-miniatura

Photo-pintura

Quarto escuro e machina de
ampliação á disposição
dos amadores.

Lições praticas de photographia.
Acabamento de todos os
trabalhos a amadores.

A nossa casa garante todos os
artigos do seu commercio.

Mandam-se catalogos gratuitamente
contra pedidos dirigidos ao

PHOTO-BAZAR

MAGALHÃES & CARVALHO

43, RUA DA FABRICA, 43 — PORTO

Conego Bernardo Chouzal

2.^a Oração funebre

DE

**D. Manuel Baptista
da Cunha**

Arcebispo Primaz de Braga

recitada no dia 27 de setembro de 1913
nas exequias que promoveu o clero do arciprestado
de Monção e Melgaço,
na matriz da villa de Monção.

Defendendo-O e Defendendo-me

Com um artigo sobre D. Carlos I

Depositarios—Cruz & COMP.^a

Rua Nova de Souza—Braga

Catechismo
Popular Catholico
por FRANCISCO SPIRAGO

Versão do Dr. Arthur Bivar

PREÇO 1250 reis

M.^{me} Permond

Conselhos d'uma mãe
a seus filhos

Tradução feita por
um preso politico

PREÇO, 150 reis



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

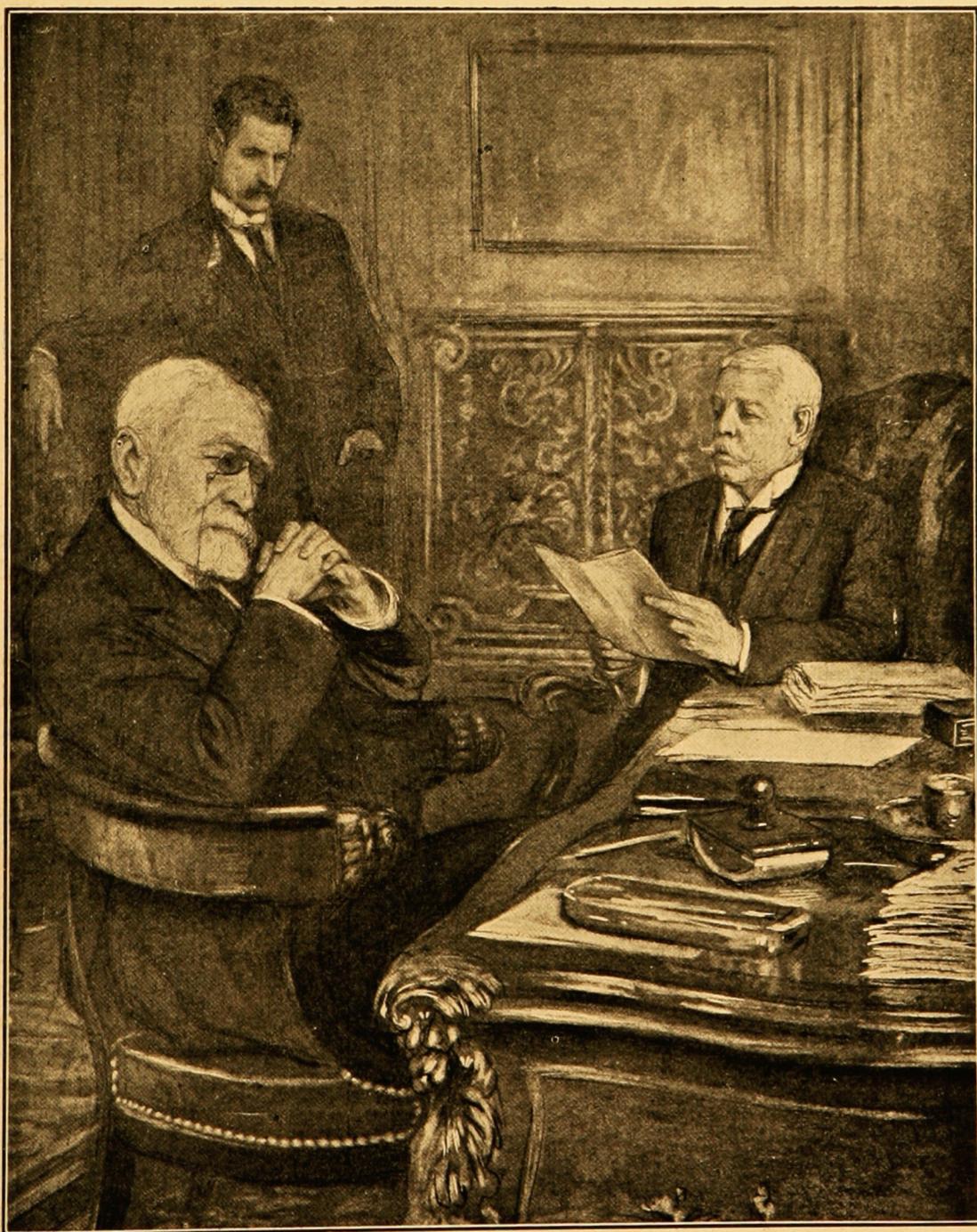
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 22 de agosto de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 60—Anno II



A nota verbal da Allemanha—O Barão de Schoen lê a M. Bienvenu-Martin, ministro interior dos negocios estrangeiros de França uma comunicação do seu governo approvando a attitude da Austria e declarando que, se o conflicto não fôr localisado, d'elle podem resultar as mais graves consequencias.

Chronica da Semana

LXI



MORREU Sua Santidade Pio X!

A noticia, rude como todas as novas de desgraça, cahe em plena Europa conflagrada de luctas sanguinolentas, mas—ai! a tregua de Deus é da historia medieval!—as armas já não suspendem no ar o gesto de morte, nem nas faces dos soldados a expressão de colerica raiva é substituida por uma expressão de assombro e dôr!

Pio X, o *grande*, entregou ao tumulo o seu corpo de velhinho, e depoz no seio do Eterno a alma tocada pela suave luz da santidade. Era luz de bondade tambem porque só os bons podem ser santos,—bondade que outr'ora enlevava aquella Veneza, ao saudar *il Beppo*, e fez ajoelhar este seculo frio ante a brancura das vestes do maior rei da terra, que era n'ella ao mesmo tempo o representante de Jesus!

Mas Pio X foi grande não só pelo amor, senão tambem pelo espirito agudissimo e forte com que guiou a Igreja. A anarchica mentalidade do seculo, revestida das complexas formas da doutrina modernista, teve n'elle um inimigo impugnavel. Quando as altas espheras intellectuaes do mundo iam tresvariar, Pio X chamou-as, mostrou-lhes o recto caminho da verdade e da vida. E tanto foi o seu poder que acorreram ao seu aviso homens eminentissimos, cujas conversões á fé de Christo alentaram os crentes e impressionaram vivamente os povos. Só esta victoria daria celebridade a um pontificado inteiro!

Não foi, porém, a unica.

O renascer da fé nas cumieiras do pensamento contemporaneo e na alma das multidões; esse decreto maravilhoso sobre a Communhão; as reformas constitucionaes da Igreja; a compilação e revisão do direito canonico; as sabias direcções aos catholicos de França e da Allemanha; a Sua encyclica sobre a situação religiosa portugueza,—tudo representa a trajectoria luminosissima de onze annos de direcção suprema que não será esbatida pela nevoa do olvido, como os carinhos do parochio de Salzano não foram esquecidos pela população de Riese e de Tomboło.

Lourdes ainda ouve o rumorejo das multidões que ha pouco a visitaram, homenageando a Sagrada Eucharistia.

Londres e Colonia, Malta, Quebec e Madrid rezarão pelo Papa que em cada uma d'essas cidades levantou, com o fervor unanime do povo, o grande monumento d'este seculo a Christo-Hostia.

A tiara dos Papas tem mais uma corôa de gloria. A Igreja sahe unida e robusta d'este periodo de onze annos, abrazada do *fogo ardente* que Pio X tomára para divisa de suas armas.

Era pezada a Cruz do Pontifice que Deus acaba de chamar a Si.

Elle mesmo o sentiu quando o Camerlengo lhe annunciava a eleição. O seu primeiro gesto foi recusar a tiara. O cardeal Ferrari acercou-se d'elle para lhe lembrar que o dever era aceita-la.

—Não chegarei ao fim, dizia tristemente o patriarcha, não nasci para esta vida.

—Pois bem, volvia docemente o cardeal de Milão, applicar-vos-hei as palavras celebres do Evangelho:—«Só é bom aquelle que morre pela salvação de todos!»

A emoção era, porém, violenta, e José Sarto exclamava cingindo as mãos á embranquecida fronte: «O' minha querida mãe, minha mãe muito amada!»,

La para a boa camponeza de Riese o primeiro pensamento do Vigario de Christo. Se ella vivesse hoje, choraria a rezar pela alma do seu filhinho, contente por ter dado á luz um santo Pontifice, tão amavel e tão grande que morreu pedindo, braços erguidos para o céu, a este velho continente a dilacerar-se e a ensanguentar-se, aquella paz que era saudação dos anjos na doce noite de Belem, aquella paz que Jesus dava a Seus discipulos, aquella paz que era o branco lirio a florir dos labios de Pio X, aquella paz que o mundo não quiz para si, e que arrancou aos olhos do Papa as derradeiras lagrimas!

F. V.

SERÕES ERUDITOS

XIV

Aventuras das palavras

IV

Salada... de beldroegas

SALADA... porque em portuguez emprega-se ás vezes *salada* por *salgalhada*, e n'este serão vamos fazer uma *salgalhada* menos má; e de *beldroegas*, porque entre outras coisas trataremos tambem de *beldroegas*.

Ora vá lá uma pitada, ponham-se á vontade e comecemos o nosso serão. Já disse, mais do que uma vez, que não presumo ensinar ninguem. Tomara eu aprender! Quando ha 11 annos deixei os bancos da escola, atirei-me ao jornalismo. E enquanto os nossos religiosos trabalhavam e estudavam em seus conventos, enquanto as religiosas, anjos de caridade, se entregavam ao ensino, aos doentes, ás missões, etc., eu, e os outros jornalistas catholicos, rondavamos de arma ao hombro em redor do redil para espantar os lobos. Polemicas serias, que exigissem estudos demorados, não nas havia. De vez em quando,

um ou outro garoto, vinha até ás trincheiras atirar a sua pedrada, e mais do que uma vez, com vergonha o digo, corri atraz d'elles, especialmente quando appareciam disfarçados em Theophilos, Faustinos, etc.

O certo é que foram 11 annos em que raro me succedeu consagrar oito dias seguidos ao estudo. Os meus bons amigos, os livros, dormiam placidamente na estante... Repito, portanto, que não vejam, n'estes serões, mais que o desejo de entreter os leitores em palestra ame-

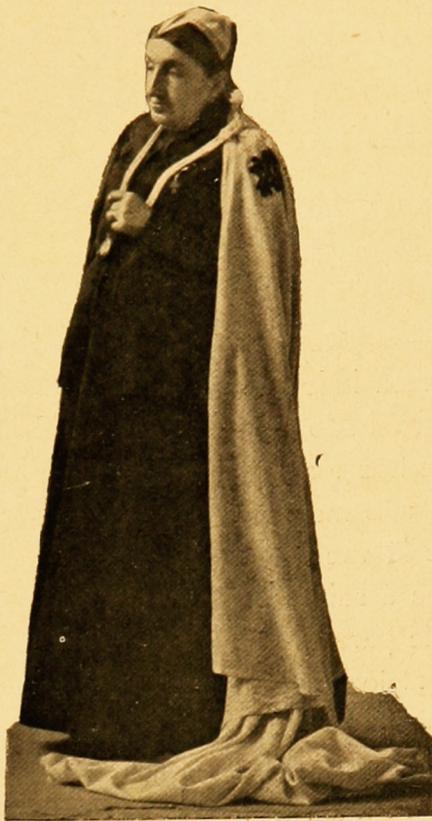
na. Por meu lado, se no exilio me tenho enfrornado em arabes, russos, sanscritos e até vasconços, tem sido para não me finir de pena ao ver o que lá vae pelo paiz.

Vamos á *salada*, que aqui faço unicamente para mostrar que, com tempo e meios, talvez as minhas vadiagens por esta provincia do saber não fossem de todo inuteis.

Disse eu n'um dos artigos precedentes, que tinha, sobre a origem da nossa palavra *menino*, uma opinião particular. Ella ahi vae: O sr. Candido de Figueiredo (unico dictionario que tenho!) traz: «Do latim *minimus*, de *minor*? Já se aventurou a origem do castelhano *mi niño* (o meu menino). Compare *meninho* e a forma desusada *minino*.» Com effeito, do lado de Hespanha, ha etymologistas (Navas, por ex.) que approximam *niño* de *menino*. Sem embargo de tão illustres auctoridades eu explico d'outra forma o nosso vocabulo. Nós temos a palavra *tamanho*, de *tam* e *magnus*, e tivemos tambem o adj: *tamanino* (pequenino) e *tamanhinho* (idem). Tenho ideia, até, de haver lido, em Alexandre Herculano, se não erro, este verso: «Quando eu era *tamanino*...» Mas ha mais: no dictionario de C. de Figueiredo falta o vocabulo «*manino* adj. pequenino, diminuta» registado já no de Vieira. Este *manino* é evidentemente apherese do *tamanino*, desprendendo-se o *tam*: «quando eu era *tammanino*»: quando eu era *tão manino*... Ainda hoje muita gente diz *manino* em vez de *menino*, que tambem se escreveu *meninho*. Em resumo: estou convencido de que *menino* é uma substantivação de *manino*, apherese do adj. *tamanino*, como temos: um *pequeno* do

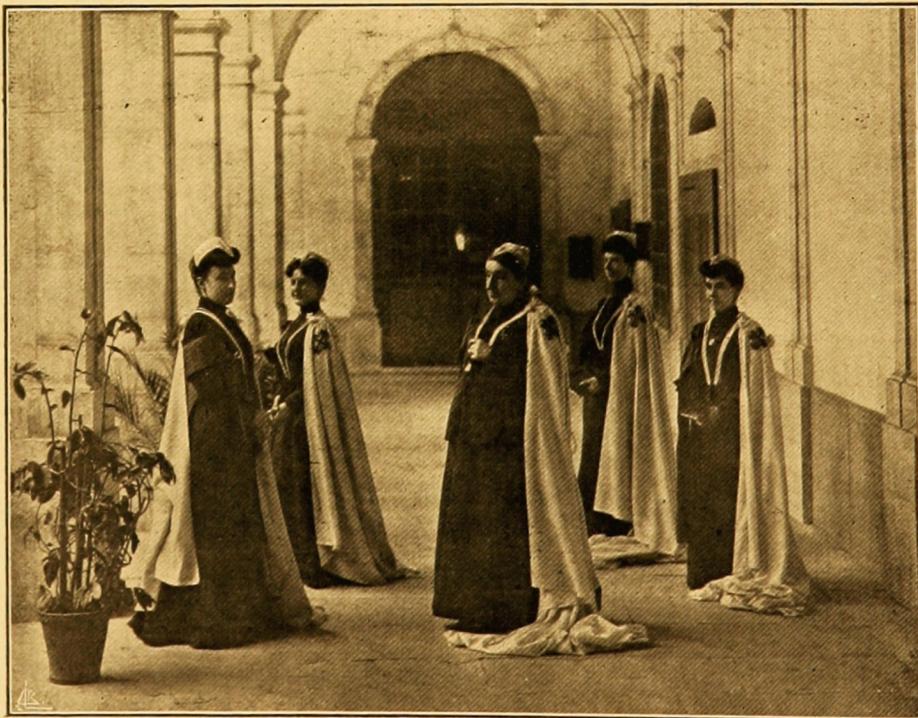
adjectivo *pequeno*. Se erro, é sem querer...

Fallei do bacalhau, vindo, por metathese, do kabeljauw, mas deixei sem solução o problema da origem do *bacharel*. Se me dão licença exponho tambem a minha opinião. Se outros vi-



D. Maria Francisca de Sá Nogueira
Abreu de Vasconcellos
(Sá de Bandeira)

Commendadeira, fallecida ha dez annos, no antigo mosteiro da Encarnação de Lisboa, onde se recolhera em 1878. Era uma religiosa de fidalgas tradições e de coração cheio de bondade



Grupo de antigas recolhidas da Ordem d'Aviz vestidas de manto branco, tendo bordada sobre este, ao lado esquerdo, a cruz da sua ordem e na cabeça a pequena coifa

100
100

ram na origem do bacharel o *bacalhau* e outro as *vaccas*, porque não poderei eu ver... o *cavallo*! E não cuidem que brinco, porque esta investigação tem-me dado que suar! Em primeiro lugar, o termo *bachelorie* em francez designava as qualidades ordinarias de um *bachelier*, que não eram nem a intelligencia, nem o amor ao estudo, mas sim: a *bravura*, o *valor militar*. Assim, Guérin cita um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Paris, 1593 f.º 163, b, onde se lê: "*Si doite amer bachelorie* (refere-se ao *cavalleiro*) — *Et tous maus usages fuir*, — *Et les armes par tot suir*! Concordem que não é precisamente o que se requer n'um *bacharel*, mas sim n'um *cavalleiro*... mais: *bachelage*, em francez, significou «*arte e escola da cavallaria*», estudo das artes e das sciencias, aprendizagem d'um officio... Mais: na antiga cavallaria, a segunda ordem era a dos *bacheliers* ou simples *chevaliers* (notem a equivalencia!) como se lê no dictionario de Guérin.

O mesmo dictionario diz: *baccalauréat*: designava uma ordem de principiante *primeiro na cavallaria*, depois na jerarchia religiosa e universitaria.

Como veem á ideia do *bachelier*, (do qual nos veio, por metathese o *bacharel*), anda ligada sempre a ideia de *cavallo*. Comtudo ainda ninguem, que eu saiba, deu como origem de *bachelier* o *chevalier* a não ser aquelle que se lembrou de explicar o *bachelier* por *bas-chevalier*. Ora se o *chevalie* veio de *caballarius* porque não viria o *bacallarius* de *caballarius* por metathese? A metathese é um phenomeno frequente e, pode dizer-se, commum a todas as linguas. Já vimos (para não ir até ás linguas antigas) o *bacalhau* vir de *kabeljau*; o francez tem *étincelle* de *scintilla*; nós temos *palavra* de *parabola*, *andorinha* de *hirundinea*; nem as linguas da Africa escapam á metathese, como se vê no swahili (Amou) *eketêa* por *elekêa* mranaha (Zanzibar), em pemba: mnanaha (Vid, P.º Ch. Sacleux, no ensaio de phonetica das linguas bantus, Paris Welter, 1905, pag. 225).

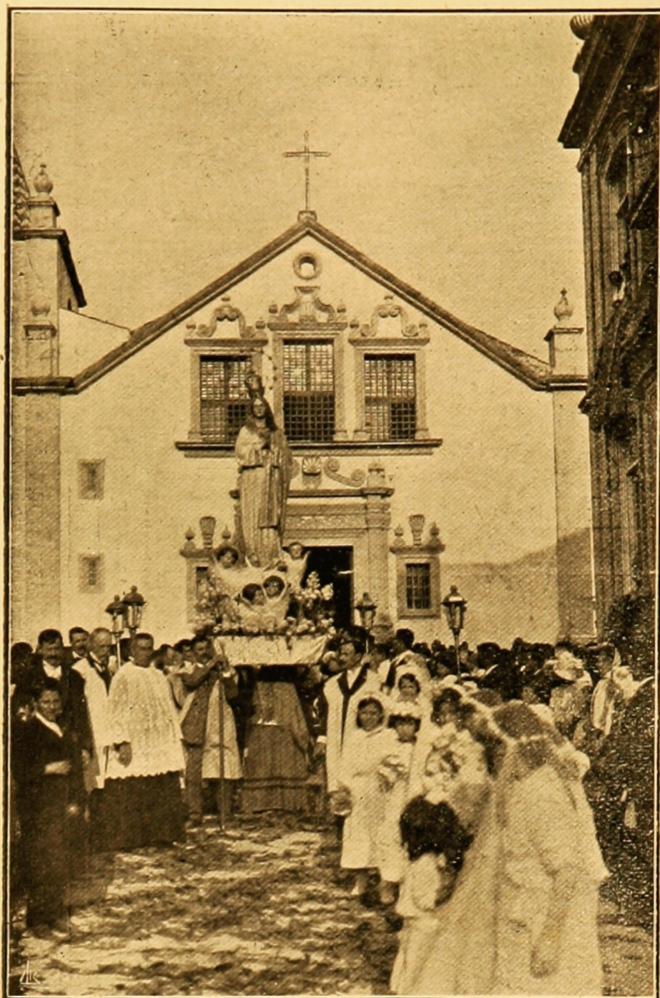
Em resumo: se é verdade

Os nossos Bispos

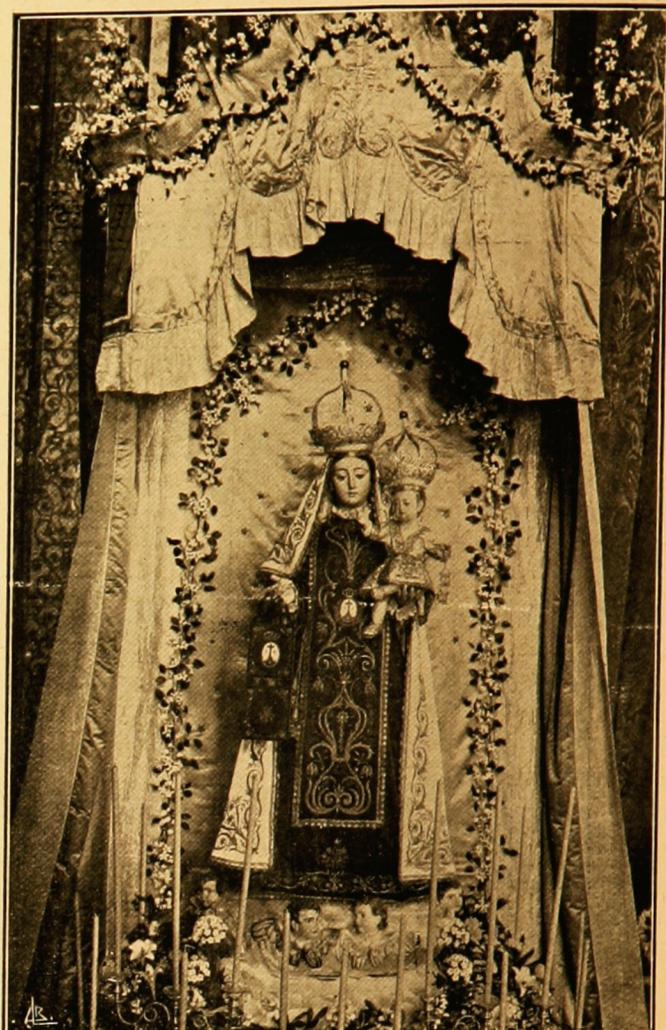


D. FRANCISCO FERREIRA DA SILVA

*Venerando Prelado de Moçambique e Bispo titular de Siene
Foi eleito em 14 de Novembro de 1914*



ANGRA DO HEROISMO. (Açôres) —
A procissão de Nossa Senhora da Conceição
sahindo da igreja do mesmo nome



ANGRA DO HEROISMO, (Açôres) —
Imagem de Nossa Senhora do Carmo que se
venera na igreja do Collegio

(Clichés do phot. am. snr. A. J. Leite)



SANTA MARIA. (Açôres) — Grupo de creanças que tomaram
parte na festa de 26 de Julho em honra de Nossa Senhora
de Lourdes. No centro vê-se o rev. Joaquim de Chaves Cabral,
organista da festa

(Cliché do phot. a. r. snr. Arnaldo d'Andrade)

que o sentido fundamental de *bachelier* foi o de cavalleiro, quanto, á evolução phonetica nada se oppõe a que *hacallarius* venha de *caballarius* — e deixam-se em paz as *bagas* de *loureiro*, que os bachareis nunca tiveram, o bacalhau e as vaccas. Ainda que elle, valha a verdade, ha um proverbio que diz:

Faveurs, femmes et deniers
Font de vacher chevalier...

Vamos ás beldroegas. D'on-
de demonio virá este nome ás
sympathicas beldroegas da nos-
sa salada? C. de Figueiredo
nada diz. O velho Moraes, ci-
tado por Vieira, manda-nos pa-
ra o persa: *baldoraca!* Descon-
fio que não precisamos de ir
tão longe! O nome scientifico da
beldroega é *portulaca oleracea*.
Este *portulaca*, com evolução

naturalissima, deu *verdolaga* em hespanhol, que é o nome que tem em Hespanha a *beldroega*. Com effeito os abrandamentos de *p* em *b* (e *v*), de *t* em *d* e de *c* em *g* são frequentissimos.

ARTHUR BIVAR.

O naufragio da "Fortuna,"

(CONCLUSÃO)

NA seguinte, começou a soprar do norte um vento violento e do lago elevou-se um nevoeiro intenso. Aproveitando a escuridão, o capitão pegou n'um machado e cortou o cabo que ligava a escuna ao rebocador: á primeira tensão, o cabo quebraria. Foi o que succedeu sem que a equipagem da chalupa pudesse suspeitar que o accidente fora preparado por mão criminosa.

Em vão, o rebocador cruzou por muito tempo no nevoeiro, afim de encontrar a *Fortuna*. Esta, habilmente conduzida pelo capitão, tinha fundeado n'uma calheta da ilha Manitoulin.

Cinco homens a esperavam. A carga desapareceu n'um instante, para dentro de um subterraneo e a *Fortuna* retomou o largo. A's onze horas da noite, ao luar, como

a tempestade recrescesse, dobrou a ponta da ilha eriçada de rochedos irregulares. Era tempo. Um pouco mais tarde, o naufragio já não seria verosimil e acreditavel.

Ordenou o capitão a Hirão e a Pete que descessem ao porão. Já lhes tinha explicado a maneira de tirar as cavilhas, e mostrado como a agua se não elevaria senão muito lentamente, dando-lhes assim, tempo bastante para fugirem. No momento decisivo, Pete recuou. Sem proferir uma palavra, o capitão agarrou-o pelos hombros e deitou-o pela escada abaixo.

Hirão segurava a lanterna.

Ambos desapareceram na escuridão do abysmo.

Com a mais perfeita tranquillidade, o capitão tirou do bolso um martello e um embrulho de grandes pregos de cinco pollegadas de comprimento; depois curvou-se para observar o porão



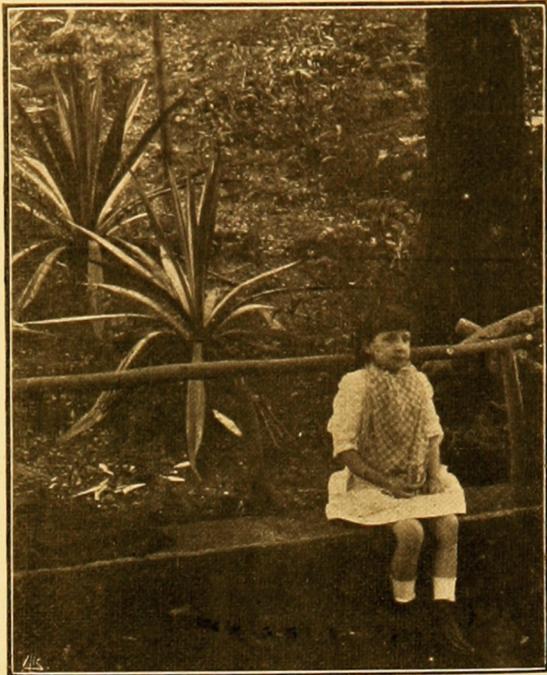
SAMEIRO — (Braga). Grupo de senhoras que ha dias foram em romagem piedosa junto da Virgem Inmaculada



SAMEIRO — (Braga). As mesmas senhoras junto ao templo antes de retirarem (Clichés do rev. Manuel d'Araujo)

Os seus dois acolytos tiravam a primeira cavilha. Vigiou-os até terem arrancado a quarta. Então, erguendo-se, o capitão pegou n'um prego, segurou-o entre o pollegar e o index...

Na semana seguinte, Sarnia em pezo sabia com magua que mais um navio do capitão Pierrepont se perdêra n'uma ponta da ilha Manitoulin, no meio de horrivel tempestade. Os dois marinheiros de bordo haviam morrido, e o capitão salvára-se felizmente, n'uma canôa. Fôra uma grande perda para este, porque toda a gente sabe que o seguro nunca cobre a totalidade do valor d'uma carga. Emfim, era caso para felicitar-se, não ter a deplorar a morte de



*BOM JESUS DO MONTE — (Braga).
Nas margens do lago, depois do jantar*

um cavalheiro tão galante como era o capitão.

Depois do desastre, o capitão Pierrepont renunciou á navegação para se entregar a negocios financeiros.

Dizia elle que tinha os nervos abalados e não poderia tornar a fazer face ao perigo como d'antes, quando era novo e tinha saude.

Alguns annos depois, houve um estio de excepcional sécca. Como as ribeiras já não alimentavam os lagos, o seu nivel baixou. O ca-

pitão Pierrepont, cuja saude tinha diminuido, —soffria febres intermitentes complicadas com insomnias, mostrou então uma agitação extranha. Era com verdadeira anciedade que elle seguia o abaixamento das aguas, consultando cartas sem cessar e fazendo constantemente medições. Afinal, não socegando, apesar do medico lhe ter ordenado um repouso absoluto, alugou um *yacht* de recreio a vapor e tirifando com febre, embarcou, para uma viagem d'um mez sobre os lagos, acompanhado pela mulher e pelo cunhado, um joven cirurgião.

Como o barco estivesse perto já da ilha Manitoulin, o capitão, muito fraco, quiz que o levassem para o tombadilho.

D'ahi, pôz-se a prescrutar avidamente, a costa com o seu oculo d'alcance. Sobre os escolhos da ponta, meio fóra d'agua, via-se uma massa escura.

—O que é aquillo, Ernesto? perguntou Pierrepont, batendo o dente, ao cunhado.

—Os restos d'um naufragio sem duvida, replicou este distrahido.

Ah! continuou elle, depois de ter mirado com o oculo, pôde lêr-se o nome... espere... *A Fortuna, Sarnia...*

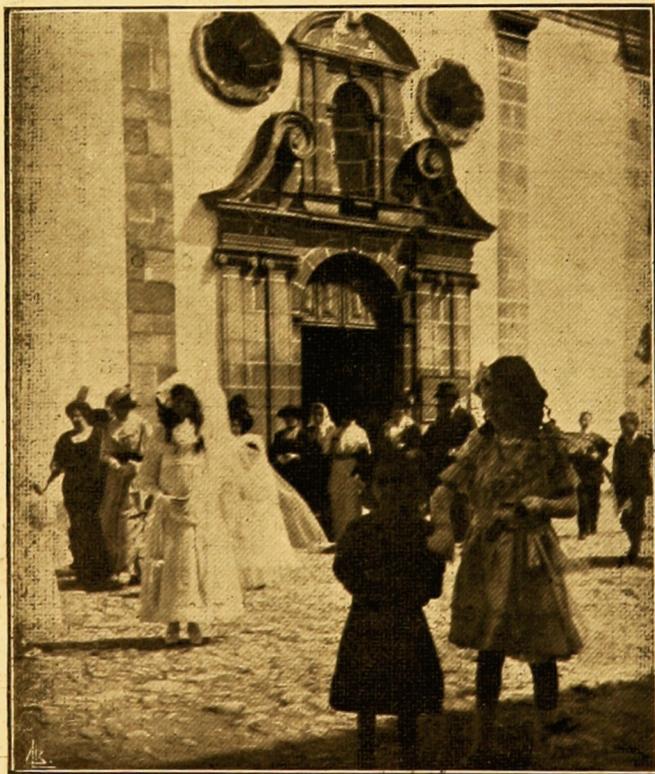
Desvairado, o capitão retomou o oculo e assestou-o sobre os destroços. Depois deixou-o cahir.

—Ajuda-me a descer, murmurou elle, com a voz quasi extincta.

Deixem-me morrer em paz...

Mas sobretudo, Ernesto, que *ella* nunca sabia nada...—

Levaram-no para a pequena *cabine* e quize-



*FUNDÃO — A catechese ás creanças.
Sahindo da igreja parochial depois da distribuição dos premios*



FUNDÃO — Grupo de creanças do sexo masculino que receberam a 1.ª communhão



FUNDÃO — Grupo de senhoras que se encarregaram do ensino da doutrina christã ás creanças

ram dar-lhe quinino. Mas elle reclamou *brandy*, da qual bebeu um grande copo; depois recahiu extenuado sobre os travesseiros; o delirio empolgou-o, e, pelas onze horas, pousando a mão na de sua esposa, o capitão morreu.

Entretanto, o cunhado do capitão, tinha encontrado o fio de um mysterio. Com o patrão do *yacht*, foi examinar o casco da *Fortuna*.

Viram que elle tinha sido furado com oito buracos; Um d'elles ainda estava arrolhado. A cavilha d'um outro, apenas fôra arrancada até metade, como se houvesse sido abandonada ante

a erupção da agua. Não era pois de espantar a commoção do capitão. Mas uma outra descoberta mais horrivel ainda os esperava, quando subiram a bordo da *Fortuna*: o quartel, da escotilha estava pregado!

Com a ajuda d'uma faca o patrão facilmente fez saltar os pregos, e ambos desceram ao porão vasio de carga. Ao pé da escada jaziam dois esqueletos. Eram os restos de Pete e Hirão. Evidentemente que o capitão tinha pregado o quartel da escotilha enquanto que elles estavam occupados em retirar as cavilhas, e, assim haviam perecido d'uma morte horrorosa.

Pouco a pouco fez-se luz, sobre toda a verdade e, á vista da ilha Manitoulin, os marinheiros nunca deixam de contar aos viajantes, a lugubre historia do naufragio da *Fortuna*.

GRANT ALLEN.

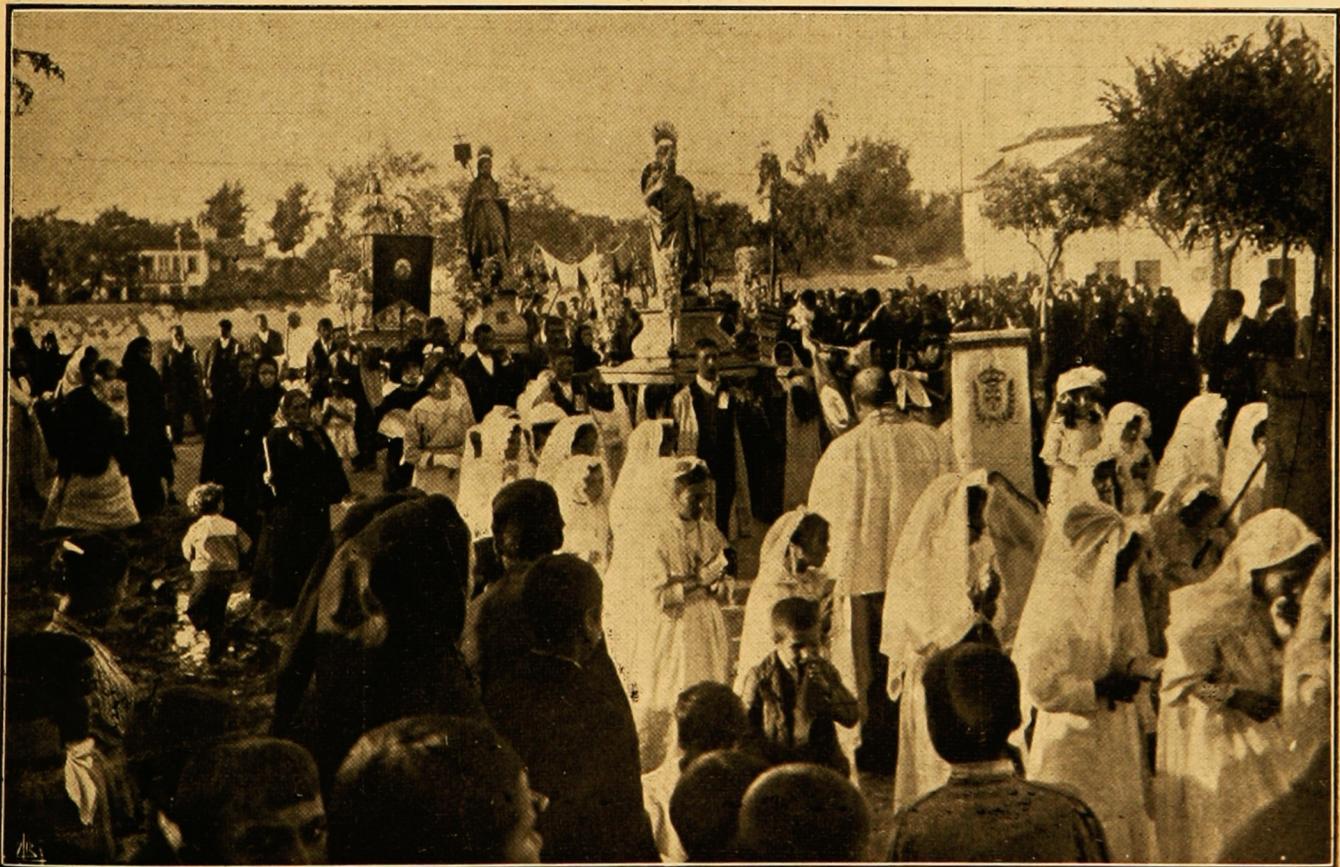


Um grande escriptor catholico que tambem é um glorioso heroe

□□



O dia 29 de Maio d'este anno de 1914, pelas 11 da manhã, reuniu extraordinariamente a Junta de Parochia de S. Matheus da Calheta, na Ilha Terceira.



FUNDÃO — Um aspecto da procissão em que tomaram parte as creanças da catechese

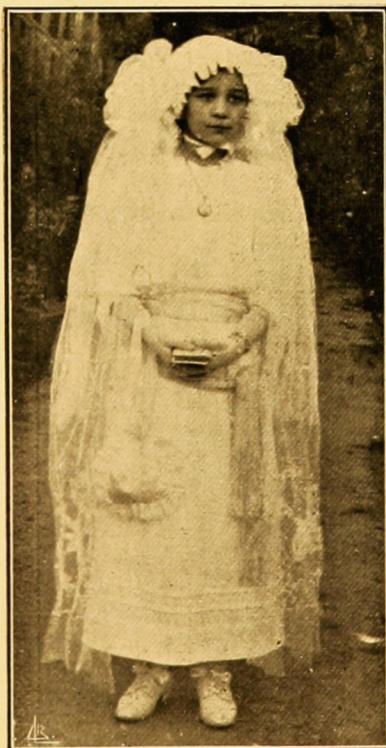
Esta reunião extraordinaria teve por fim lavar um voto de sincero e entusiastico louvor ao rasgo de verdadeiro e commovente heroismo, praticado pelo notavel escriptor catholico e eminente professor, sr. Dr. Manuel Antonio Ferreira Deusdado, Reitor do Lyceu de Angra do Heroismo, no dia 28 do mesmo mez de Maio.

Foi aquelle rasgo celebrado justiceiramente pela imprensa insular e em Portugal por diarios da importancia do *Dia* e da *Nação*.

Em breves linhas o commemoraremos. O Dr. Deusdado fazia um passeio pedagogico com alguns dos seus alumnos n'uma das praias da freguezia de S. Matheus, povoada por ma-



FUNDÃO — Grupo de meninas que receberam a 1.^a communhão



rinheiros destemidos, por audazes pescadores de baleias, que excedem, no valor heroico, os melhores de toda a Terceira.

O mar estava formidavel de coleras e estampidos. Fazia pavor o choque dos vagalhões immensos na rude e cavada penedia da costa. Soprava um rispido vento sul, de marés vivas, por ser então lua nova. O *marraxo*, uma especie de tubarão, já surdia, implacavel inimigo do homem, por ser aquelle a epocha da sua chegada aos Açores, espreitando victimas entre as ondas marulhantes e convulsas.

Pouco passava do meio dia, quando o Dr. Deusdado chegou á praia. De repente, estremeceu. Um desgraçado, abraçado a um cachopozinho, esperava a morte nas vagas



FUNDÃO — As meninas Maria Nathalia Almeida e Lucilia Figueira no dia da sua 1.^a communhão

(Clichés do phot. am. snr. Bartholomeu Monteiro)

que a preamar avançava até ao infeliz, cercandoo-o, já fustigando-o de travez.

O poder das ondas, a quasi certeza de uma investida fatal do *marraxo*, a consideravel distancia, o enleio dos melhores pescadores deante d'aquella agonia, nada impressionaram o Dr. Deusdado. Despindo apenas o casaco, atira-se ao escarceu.

Oppõem-se-lhe grandes vagas, e elle vigorosamente as vence. Quasi de subito, é visto ao pé do desgraçado, já exausto e quasi submergido. O heroe empolga-o, nada, transportando-o, soffre de novo mil golpes das aguas furibundas, mas triumpho, entrega o infeliz á vida, aos soccorros alvoroçados dos que enchem a praia

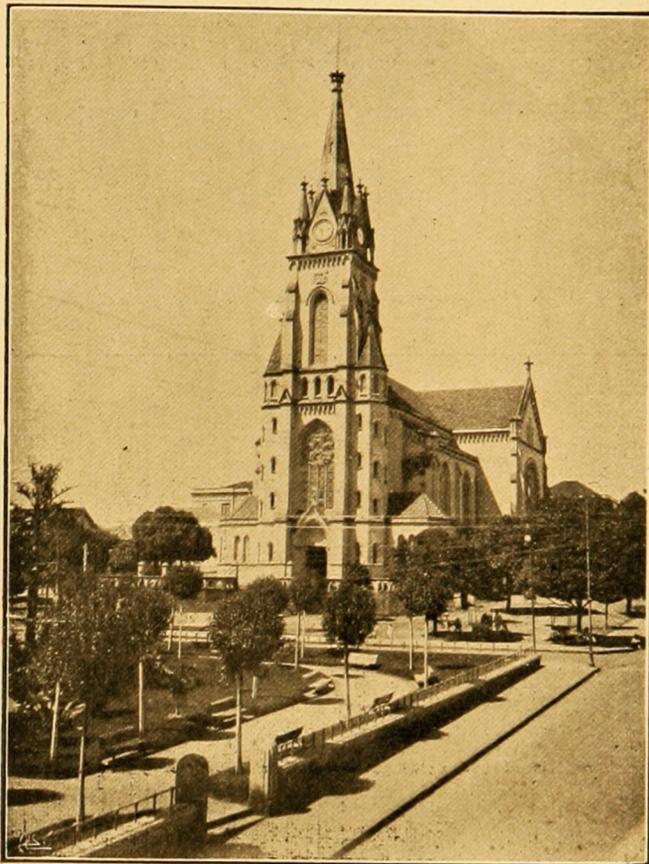
O naufrago é um bom trabalhador, casado, pae de cinco filhinhos. Não sabendo nadar, contava já com a morte. Calcula-se a impressão em toda a ilha.

É quem ignora o valor mental do heroe? Escriptor tão erudito como brilhante, antigo representante de Portugal nos maiores congressos scientificos da Europa, professor eminente e modelar catholico, bem lhe bastava tudo isso para ser uma verdadeira gloria nacional.

Pois acrescentem-lhe agora mais este florão precioso, e inscrevam o seu bello nome na lista dos que em tudo, até no mais abnegado heroismo, seguem e glorificam Jesus-Christo e a sua Igreja.

JOSÉ AGOSTINHO.

A "Ilustração Catholica,, no Brazil



A EGREJA MATRIZ DE JAHÚ
(Estado de S. Paulo)

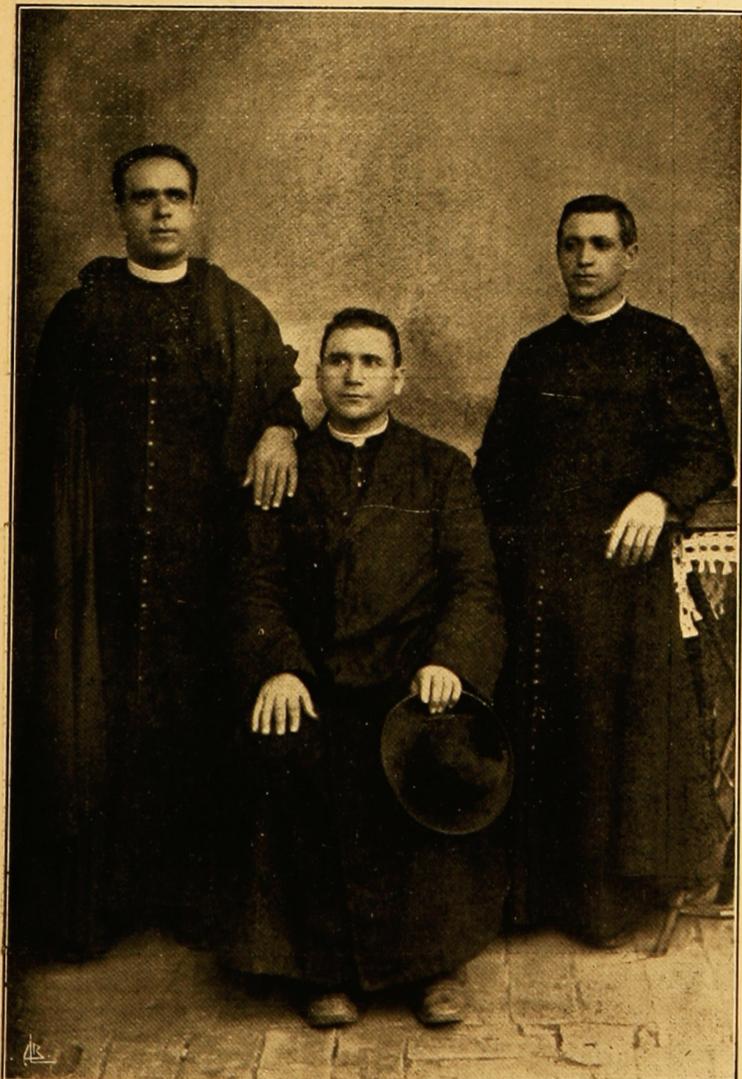
Este grandioso monumento de estylo gothico, obra do engenheiro belga João Lourenço Madein, cuja pedra fundamental foi lançada em 24 de novembro de 1895 pelo então juiz de direito da comarca Dr. José Soriano de Sousa Filho, honra da magistratura paulista, tem 40 metros de comprimento por 19 de largo e a configuração d'uma cruz latina.

O altar-môr, dedicado a Nossa Senhora do Patrocinio, foi sagrado pelo Arcebispo-Bispo da diocese, D. José Marcondes Homem de Mello, em 18 d'outubro de 1912, sendo construido em marmore, bronze e madeira e illuminado com grande profusão de lampadas electricas.

São notaveis os dois monumentaes pulpitos que custaram 11 contos. Os 14 quadros da *Via-sacra*, em alto relevo, foram importados da Allemanha pelo preço de 10 contos.

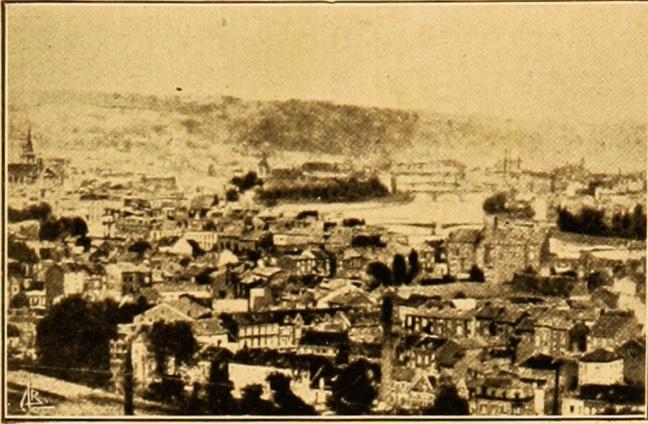
Possue tambem o novo templo riquissimos paramentos para o culto comprados directamente em Roma pelo vigario da parochia.

As despezas feitas até hoje com a construcção do novo templo estão calculadas em 700 contos, moeda brasileira.

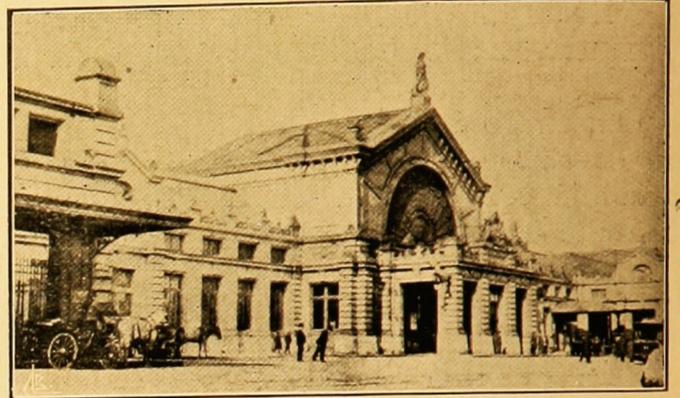


MINAS GERAES — Os padres portuguezes José António Correia, Seraphim Augusto da Cruz e Luiz Antonio Pereira, respectivamente vigarios em Poços de Caldas, Villa Braz e Dôres do Aterrado, diocese de Pouso Alegre.

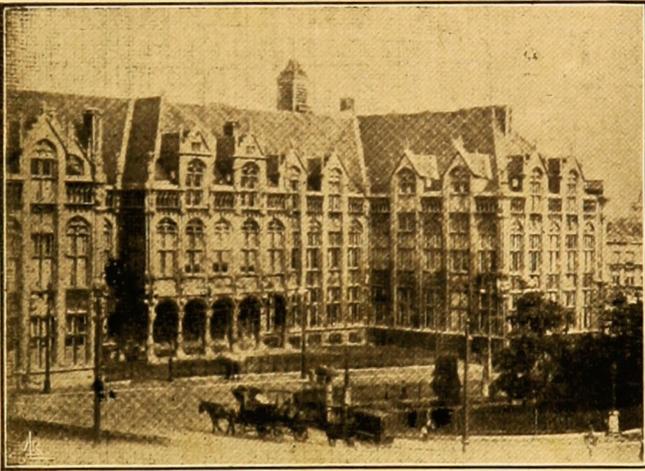
A Guerra Europeia



LIÈGE—Vista panorâmica da cidade



LIÈGE—Estação ferro-viaria



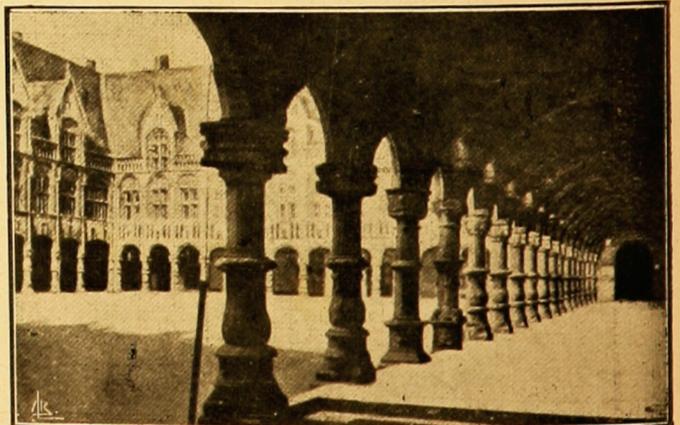
LIÈGE—Palacio do governador



LIÈGE—Universidade



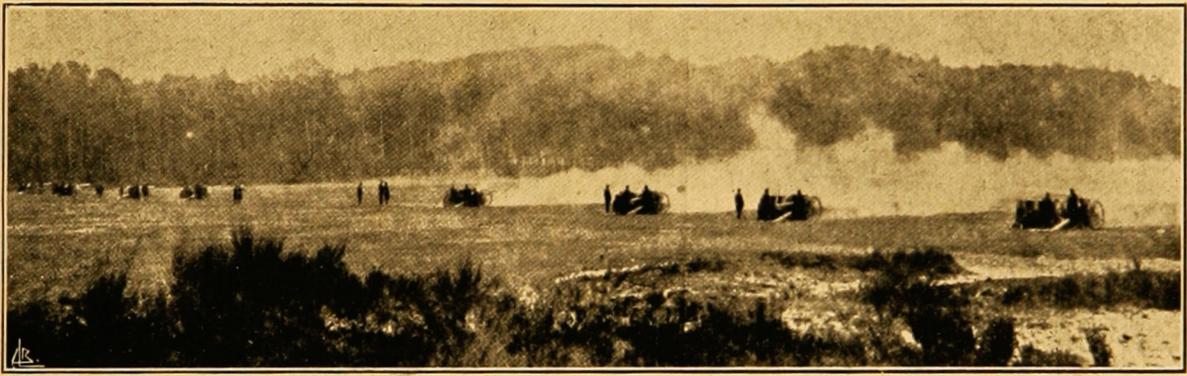
LIÈGE—Praça do teatro



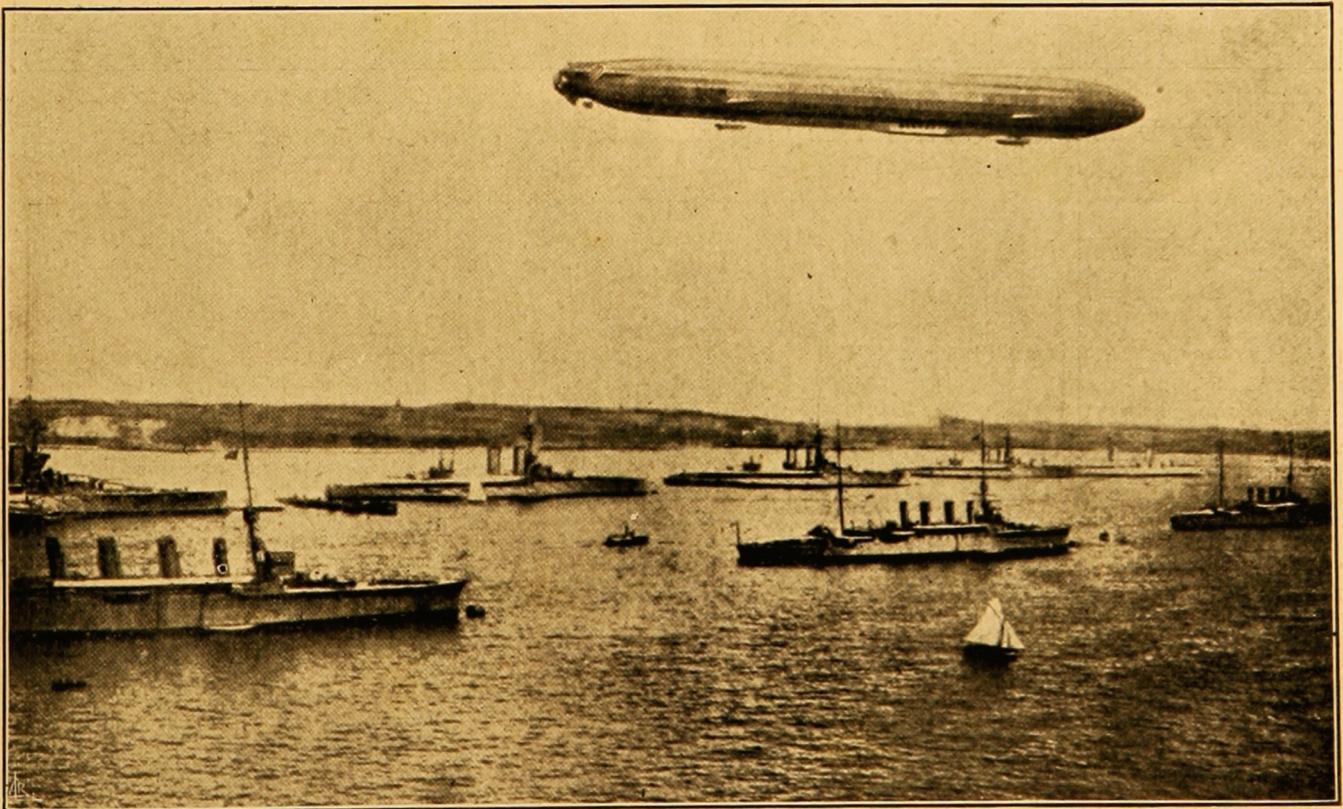
LIÈGE—Palacio da justiça



Uma bateria de artilharia servia em marcha para a linha de operações



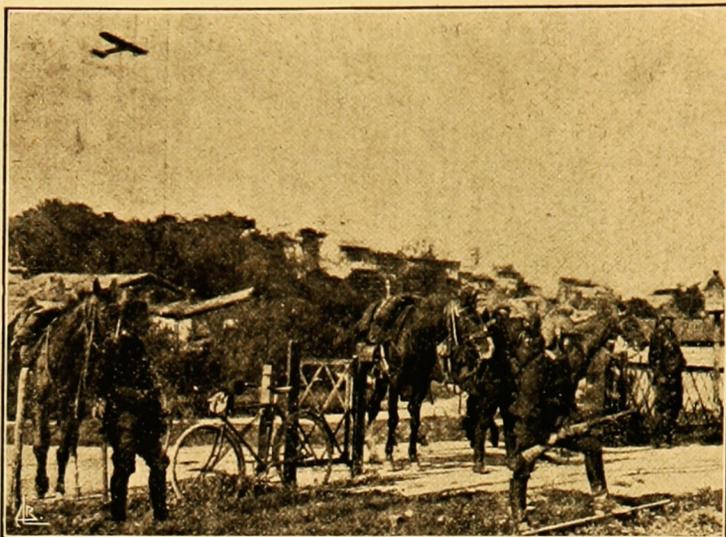
Artilharia franceza defendendo a fronteira contra a invasão das tropas alemães



Um dirigivel militar typo Zeppelin evolucionando sobre os barcos da esquadra alemã no canal de Kiel

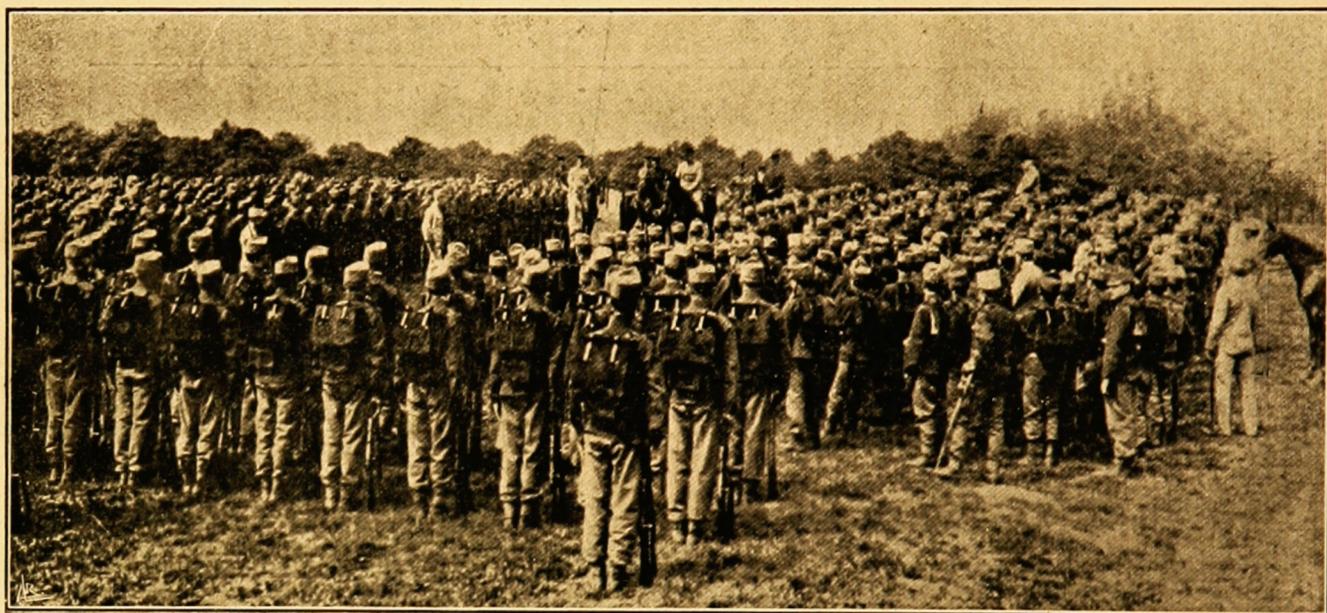


GENERAL AMADE
que á frente de cento e
cincoenta mil homens invadiu
Mulhouse e se
propõe tomar a Alsacia

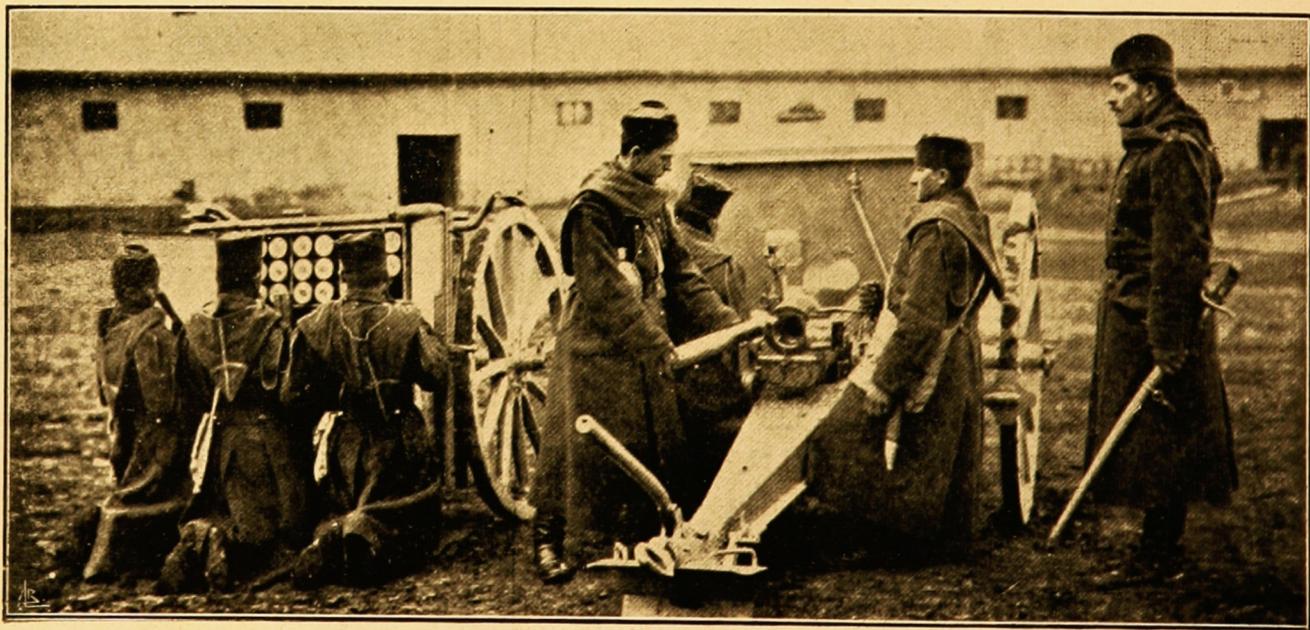


GENERAL LYAUTEY
Chefe das tropas francezas
em Marrocos que se
offereceu ao governo para
commandar 30:000 homens

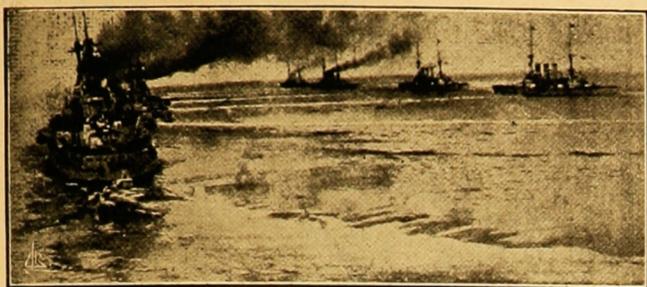
*Soldados da cavallaria franceza defendendo as linhas ferreas
proximo da fronteira enquanto um
monoplano militar realisa um reconhecimento*



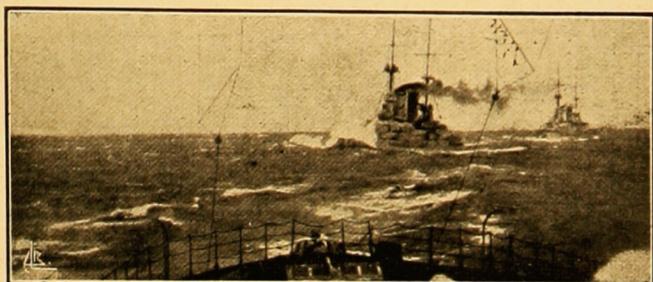
Forças de infantaria austriaca preparando-se para entrar no territorio servio



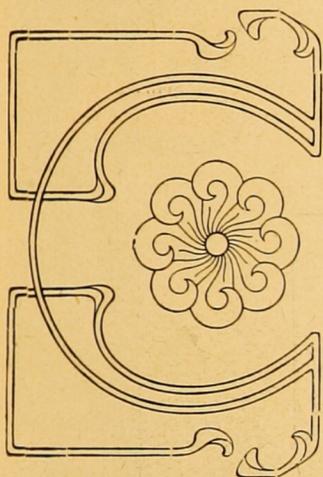
Novas peças d'artilharia que o exercito servio utiliza na guerra contra a Austria



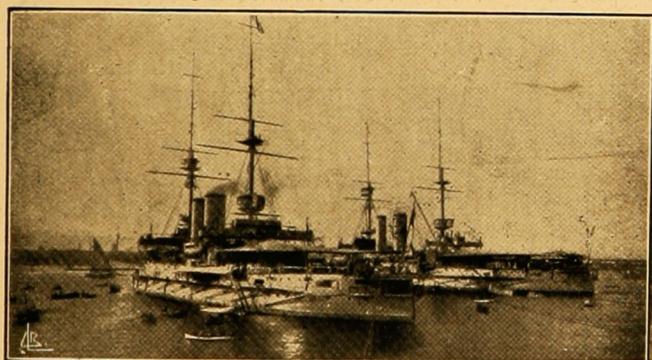
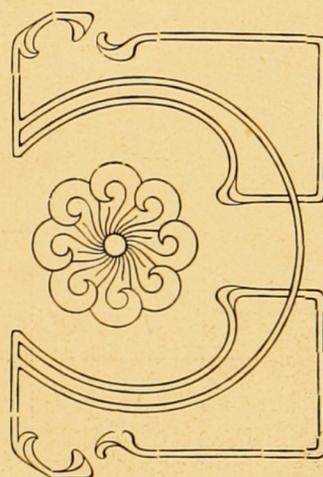
Uma secção da esquadra allemã navegando pelo Mar do Norte



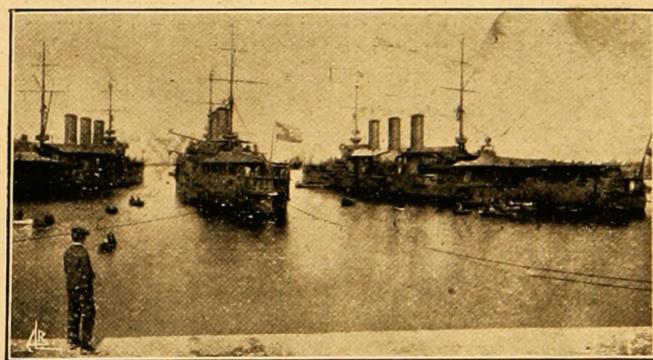
Couraçados allemães navegando em busca da esquadra ingleza



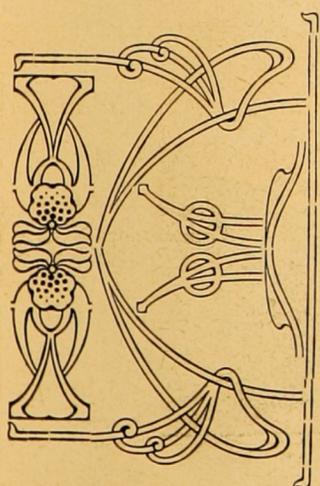
Grupo de chefes e officiaes servios que commandam os destacamentos em guerra com as forças austriacas



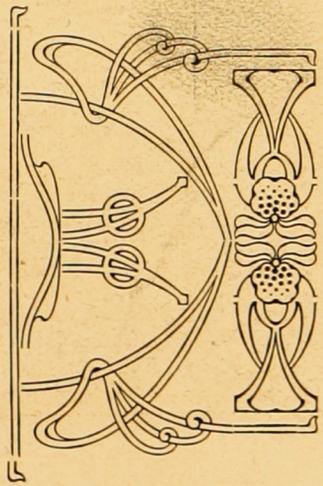
Os couraçados inglezes "Queen," e "Prince of Gales."



Uma esquadilha de torpedeiros austriacos



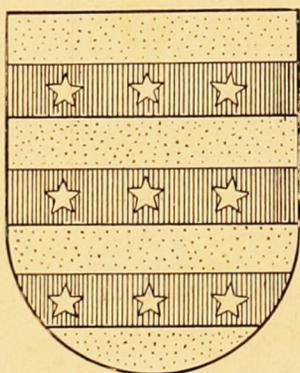
Forças de infantaria servia custodiando um comboy que se dirige ao campo de operações



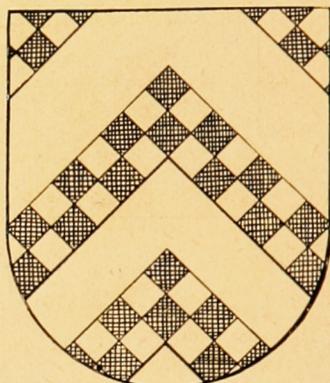


ARMARIA PORTUGUEZA

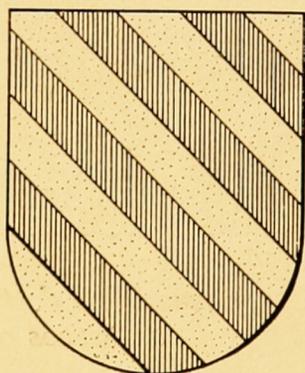
Armas de cada appellido que entram na composição dos braços das casas nobres de Portugal



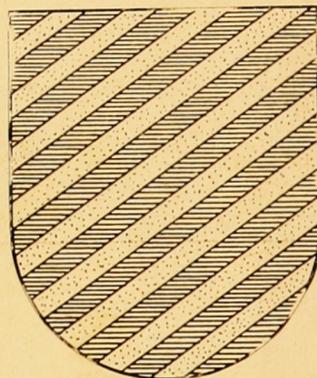
Avellar. — Em campo d'ouro tres faxas de vermelho carregadas cada uma com tres estrellas d'ouro. Timbre: tres espadas com punhos de sangue e ouro em retoque.



Avinhal. — Em ouro tres asnas enxequetadas de prata e negro. Timbre: dois ramos de vice com cachos no segundo.



Azambujas. — Em ouro quatro bandas de vermelho. Timbre: meio selvagem vestido de ouro com um pau esgalhado às costas sustentado em ambas as mãos.



Azeredos. — Em azul nove contrabandas d'ouro. Timbre: um leão d'azul armado d'ouro com tres contrabandas do mesmo.

